

## RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 26/08/2017.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

LÍVIA MENDES PEREIRA

**Paulo Leminski, tradutor de latim: renovando o**  
***Satyricon*, de Petrônio**

Araraquara  
2016

LÍVIA MENDES PEREIRA

**Paulo Leminski, tradutor de latim: renovando o**  
*Satyricon*, de Petrônio

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Câmpus de Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

**Linha de Pesquisa:** Relações Intersemióticas

**Orientador:** Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira

**Fomento:** FAPESP nº 2014/01415-2

Araraquara  
2016

*A minha família:  
Silvana, Paulo e Elias*

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida.

Aos meus pais, Paulo e Silvana, pela apoio sempre amoroso.

Ao meu irmão, Elias, pela parceria e conversas sempre alegres, carinhosas e enriquecedoras.

A minha cunhada, Iara, pela amizade incentivadora.

Aos amigos Rebeca, Marcelo e Thais por serem minha família em Araraquara, com muitas risadas.

A Tamires, pelo colo amigo e carinhoso e pela ajuda valiosa com a língua inglesa. A Eliane pela companhia e amizade sempre divertida.

A Livia e ao Júnior que mesmo de longe sempre estiveram presentes. Ao Emerson, pelas longas conversas cheias de ensinamentos.

Às amigas latinistas, Mariana, Caroline, Joana, Débora e Cíntia pela irmandade e troca de conhecimentos.

Aos amigos araraquarenses, Leandro, Thayse, Patrícia, Cissa, João, Maria Teresa e Marco pelo companheirismo, vivências e aprendizados.

Aos meus professores de Latim João Batista T. Prado e Márcio Thamos, por contribuírem em minha formação.

Aos professores Giovanna Longo e Guilherme G. Flores pela leitura atenta e excelentes contribuições no Exame de Qualificação e no Exame de Defesa.

Ao meu orientador Brunno V. G. Vieira, por caminhar ao meu lado desde a iniciação científica, com paciência, respeito e amizade.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2014/01415-2, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento, que possibilitou a realização da minha pesquisa.

*Onde estará meu verso? Em  
algum lugar de um lugar Onde  
o avesso do inverso Começa a  
ver e ficar Por mais prosas que  
eu perverta*

*Não permita Deus que eu perca  
Meu jeito de versejar  
(LEMINSKI, 2015, p.125)*

## Resumo

Buscando contribuir com a pesquisa das traduções dos clássicos greco-romanos e com a recepção desses textos em nossas Letras, o presente projeto propõe-se a estudar e divulgar a tradução do *Satyricon*, de Petrônio, levada a cabo pelo poeta Paulo Leminski. Como pode ser constatado na leitura de sua biografia e como pode ser recorrentemente percebido nos temas que frequentam sua obra, o autor foi um conhecedor e divulgador da Língua e da Literatura Latina. Estudado inicialmente no mosteiro São Bento, na cidade de São Paulo, quando Leminski tinha apenas 13 anos, esse idioma antigo constituiu uma importante fonte criativa revisitada e repensada durante toda sua carreira literária. Além de traduções feitas diretamente do Latim como as da *Ode I, 11*, de Horácio (1984), e do *Satyricon*, de Petrônio (1987), o trabalho com textos literários latinos pode ser encontrado em obras como *Metaformose e Catatau*, cuja análise já foi realizada por nós no âmbito da Iniciação Científica. O trabalho tem por base o confronto entre o texto latino e a tradução leminskiana e procura fornecer um estudo da recepção do romance petroniano na literatura brasileira contemporânea, que encontra em Leminski um de seus expoentes. Assim, ao aliar o conhecimento em Língua Latina e a História da Tradução, nossa proposta procura revelar a importância da literatura da Antiguidade através de sua recepção literária em Língua Portuguesa.

**Palavras-chave:** *Satyricon*, Petrônio, Leminski, Recepção da literatura greco-romana.

## Abstract

Seeking to contribute to the research on translations of Greco-Roman classical works and to their reception in our literature, this project proposes to study and disclose the translation of *Satyricon*, by Petronius, prosecuted by the poet Paulo Leminski. It can be verified by reading his biography, as well as it can be perceived among his works' themes, that the author was a connoisseur and disseminator of Latin language and literature. This ancient language was initially studied by Leminski at São Bento monastery, in the city of São Paulo, when he was thirteen years old, and it was an important creative source revisited and rethought throughout his literary career. In addition to translations performed directly from Latin, as *Ode* I, 11, by Horace (1984), and *Satyricon*, by Petronius (1987), the contact with Latin literary texts can be found in works like *Metaformose* and *Catatau*, which we analyzed during the Scientific Initiation. This work is based upon the confrontation between the Latin text and Leminski's translation, and it strives to provide a study of the Petronian novel reception in the contemporary Brazilian literature, which finds in Leminski one of its exponents. Hence, by allying knowledge in Latin language to Translation History, our proposal is to reveal the importance of Ancient literature through its literary reception in Portuguese language.

**Keywords:** *Satyricon*, Petronius, Leminski, Greco-Roman literature reception.



## Lista de Abreviaturas

<b>Caldas Aulete</b>	Aulete digital (AULETE, 2007)
<b>MACMILLAN</b>	<i>Macmillan English Dictionary</i> (RUNDELL, 2007)
<b>OED</b>	<i>The Oxford English Dictionary</i> (SIMPSOM; WEINER, 1991)
<b>OLD</b>	<i>Oxford Latin Dictionary</i> (GLARE, 1968)
<b>SARAIVA</b>	Novíssimo dicionário latino-português (SARAIVA, 2006)

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	9
<b>1. Petrônio <i>made new</i>: contexto histórico e editorial</b> .....	16
1.1 Petrônio e o <i>Satyricon</i> .....	16
1.2 Leminski e o <i>Satyricon</i> da Brasiliense.....	20
1.3 Sullivan e o <i>Satyricon</i> da Penguin Books.....	25
<b>2. O <i>make it new</i> e sua versão brasileira: teoria(s) da tradução</b> .....	28
2.1 Pound e o <i>Make it new</i> .....	28
2.2 O projeto tradutório dos poetas Haroldo e Augusto de Campos.....	31
2.3 Projeto tradutório de Paulo Leminski.....	35
<b>2.3.1 Linhas gerais</b> .....	35
<b>2.3.2 Para traduzir Petrônio</b> .....	46
<b>3. Análise comparativa: O erótico no <i>Satyricon</i> de J. P. Sullivan e Paulo Leminski...</b>	49
<b>4. Escolhas tradutórias: a coloquialidade e a erudição</b> .....	61
4.1 Tradução Leminskiana: A expressão vulgar.....	61
4.2 Tradução Leminskiana: as escolhas eruditas.....	72
<b>5. Trans-criação leminskiana dos poemas: análise e apontamentos</b> .....	79
<b>Considerações finais</b> .....	91
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	94
<b>ANEXO - Tradução de serviço do <i>corpus</i> (capítulos I a XXVI)</b> .....	101

## Introdução

Paulo Leminski, poeta curitibano, nasceu em 1944, deu a público seus primeiros escritos na revista *Invenção*, mantida pelos poetas concretistas – Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, em meados da década de 1960. Leminski também ministrou aulas em cursos pré-vestibulares, trabalhou com publicidade e foi editor em diversos jornais. Transitou entre muitos gêneros textuais como o romance, o conto, a crônica, o ensaio, a poesia, dentre outros. Por complicações de saúde, o poeta faleceu em 7 de Junho de 1989.

Por serem muito diversos os gêneros textuais que a obra leminskiana abrange, sua produção tradutória não é comumente objeto de estudo no meio acadêmico, porém ela ocupa uma parte significativa de seus escritos. Temos conhecimento de duas dissertações sobre Leminski tradutor. Uma delas, defendida em 2009, por Luiz Henrique Milani Queriquelli, na Universidade Federal de Santa Catarina, tem como título *Satyricon e tradução poética: traduções brasileiras perante sutilezas cruciais da poesia de Petrónio*. Nela o autor desenvolve um estudo das traduções em língua portuguesa apenas dos poemas presentes no *Satyricon*, entre essas traduções está a de Paulo Leminski. Já a outra dissertação, que trata sobre o trabalho tradutório completo do poeta, é de autoria de Ivan Justen Santana, *Paulo Leminski: Intersemiose e Carnavalização na tradução* (2002). Esse trabalho faz apontamentos importantes sobre o projeto tradutório de Leminski e dedica um capítulo à tradução do *Satyricon*.

Boris Schnaiderman em entrevista para o Itaú Cultural, por ocasião da abertura da “Ocupação Paulo Leminski”, projeto que integra uma das políticas permanentes do Instituto, que é a preservação da memória artística, lembra das obras que fazem parte da produção tradutória do poeta e afirma que estas em especial ainda são muito pouco valorizadas. O estudioso diz que gosta muito das traduções e indica, para quem quiser uma confirmação disso, apenas um livro, em edição bilíngue, publicado pela Brasiliense, que se chama *Giacomo Joyce*. Para o professor, o confronto entre o original e a tradução desta obra aponta como o poeta foi fiel ao texto, entenda-se aqui como fidelidade a transmissão do tom da obra de partida para a língua de chegada, o que Schnaiderman (1986, p.63) denomina de “fidelidade estilística”. O estudioso comenta ainda ter ganhado de Leminski uma tradução do texto de Maiakovski, e mesmo sem o poeta ser fluente em língua russa, afirma ter percebido um estudo teórico muito aguçado do texto sendo que, mais uma vez, confrontando o original com a tradução percebe-se um tradutor muito fiel, no sentido de que conseguia captar o espírito da obra de partida.

Em outra entrevista, o grande tradutor do russo em língua portuguesa fala novamente sobre a importância das traduções do poeta: “Mais ainda, eu acho que deveria se pesquisar mais as traduções de Leminski. É uma coisa importante, uma parte importante do que ele produziu. Ele traduzia com bastante liberdade, é certo, mas muitas vezes não mexia no texto” (SCHNAIDERMAN, 2000, p.61).

Se verificarmos as oito obras que foram traduzidas na íntegra por Leminski podemos perceber que todas elas são marcadas por uma particular irreverência<sup>1</sup>. Elas tomaram parte das coleções *Primeiros Passos*, *Encanto Radical* e *Circo de Letras*, da Editora Brasiliense, voltadas para um mercado consumidor específico, ou seja, o público jovem, que tinha ânsia pela leitura e conhecimento de obras literárias ainda inéditas, pelo menos, em um português acessível. Nelas transparece uma preocupação visível de cativar e conquistar um certo tipo de público crítico, mas pouco abonado: livros baratos (brochuras com capas sem orelhas) contendo textos de acesso fácil para o leitor comum.

A tradução do *Satyricon* situa-se dentro de um marco político e histórico no Brasil, pois foi lançada no ano de abertura política, com o fim da censura pela ditadura, em 1985, o que ocasionava uma maior liberdade no uso da linguagem. Como foi discutido por Lemos (2014), a fundação da editora Brasiliense foi marcada pela oposição à ditadura civil-militar brasileira, “acreditamos, assim, que a posição da Editora no campo editorial foi se legitimando pelo caráter de suas publicações ser dirigido a um público crescentemente acadêmico e preocupado com a formação crítica” (LEMOS, 2014, p.181). Depois da ditadura, com o lançamento da coleção *Primeiros Passos* a editora inicia uma nova temporada editorial, ampliando seu público e modificando sua linguagem. Como afirma a autora, a Brasiliense iniciava uma nova fase com a necessidade de publicar obras que antes eram censuradas, pois caracterizavam uma ameaça ao regime militar. É possível concluir a partir desses dados apresentados pela autora que a Brasiliense participou do processo de democratização no Brasil, pois se envolveu nas lutas da esquerda, incentivando os debates nas ruas e na campanha “Diretas Já”, por meio da produção de mais livros voltados diretamente para esse público politizado e ansioso por atualizar-se.

---

<sup>1</sup> Foram traduzidos na íntegra por Leminski um total de oito livros, são eles: *Pergunte ao pó (Ask the dust)*, de John Fante (1984); *Vida sem fim – as minhas melhores poesias (Endless life)*, de Lawrence Ferlinghetti (1984); *Um atrapalho no trabalho (In his own write)* e *(A sparniard in the Works)*, de John Lennon (1985); *Giacomo Joyce*, de James Joyce (1985); *O super macho (Le surmâle)*, de Alfred Jarry (1985); *Sol e aço (Tayo to tetsu)*, de Yukio Mishima (1985); *Satyricon*, de Petronio (1985) e *Malone Morre (Malone meurt Malone dies)*, de Samuel Beckett (1986).

Podemos relacionar a liberdade da linguagem tomada por Leminski no *Satyricon*, não só ao contexto histórico-social, mas também ao contexto literário e tradutório, marcado por um “projeto tradutório” delimitado e que propõe tomar certas “liberdades”, motivadas pelas suas próprias interpretações do original a ser traduzido e levando em consideração os próprios interesses específicos de seu tradutor. Todas essas características podem ser vistas nas traduções de Leminski, como bem identifica o comentário de Schnaiderman (2004, pp.51-64), e muitas delas serão analisadas no estudo da tradução do *Satyricon* que aqui se apresenta.

Boris Schnaiderman em seu artigo “Tradução: “Fidelidade Filológica” e “Fidelidade Estilística” afirma que “Toda tradução digna deste nome é uma recriação” (SCHNAIDERMAN, 1986, p.64). Segundo esse tradutor e crítico muito próximo dos concretistas, e, igualmente, seguidor de Jakobson, deve-se transmitir o tom original da obra, passando pelo máximo de criatividade possível e visando dar o sentido ao leitor de hoje.

Faz-se necessário teorizar e diferenciar o que denominamos de “tradução literal” e “tradução criativa”, situando-as nos estudos acadêmicos e na relação com o trabalho tradutório acadêmico ligado às línguas antigas, o grego e o latim clássicos. Abordaremos nossa discussão baseada principalmente no artigo “A tradução poética e os Estudos Clássicos no Brasil de hoje: algumas considerações”, escrito pelo professor Paulo Sérgio de Vasconcelos (2011), em que se discute, em relação à tradução no campo dos Estudos Clássicos, a fidelidade ao sentido, o fetiche da tradução literal e a rejeição da tradução criativa de textos poéticos.

Primeiramente, como foi muito bem lembrado por Vasconcelos, trabalhar com a língua latina, que está viva apenas nos textos, obriga seus estudiosos a trabalhar com traduções de texto poético a todo momento. O professor observa, que na maioria dos trabalhos acadêmicos de tradução os autores insistem em dizer que “preferiu-se ser fiel ao original” (VASCONCELOS, 2011, 69). Para ele essa pretensão de fidelidade é ingênua, pois não se traduz completamente o sentido, esquecendo-se do som e do ritmo e sem se preocupar semanticamente com expressões do original, que causam estranhamento no leitor contemporâneo. Esse tipo de tradução é denominada “didática” e visa garantir o entendimento imediato do texto pelo leitor e, assim como Vasconcelos aponta, não possui nenhum problema, desde que seja consciente de seu objetivo e não se justifique por uma fidelidade ao sentido, a qual não possui. O autor, porém, chega à conclusão que independentemente de a tradução estar mais voltada ao sentido literal ou tomar liberdades que recriam a obra de partida, toda tradução é uma recriação, pois “trata-se de um dizer em outro sistema

linguístico, sujeitos às implicações desse sistema que não estavam previstas no original” (VASCONCELOS, 2011, p.71). Ele também lembra, no caso dos textos antigos, há uma ação prévia à tradução, que é, por exemplo, a seleção e interpretação de manuscritos, portanto, já houve uma leitura anterior e isso comprova quão instável é o original. Nesse sentido, Vasconcelos critica a postura praticada modernamente de que o texto poético tenha apenas um significado que será decifrado pelo pesquisador munido de instrumentos filológicos adequados. Segundo o autor “considerar toda tradução como recriação tem a vantagem de abandonar qualquer pretensão ingênua de reprodução fiel ao original” (VASCONCELOS, 2011, p.72), pois não se pode abolir as peculiaridades de cada língua específica, o que leva o autor a afirmar que não existe uma tradução literal, pois não há correspondência exata entre uma língua e outra.

Vasconcelos acaba por equilibrar as opiniões entre o trato extremamente filológico do texto e o seu trato “criativo”. Ele afirma que o trabalho filológico fornece ao tradutor elementos importantes para a compreensão do texto e as traduções poéticas, mesmo traindo o sentido literal, são um meio eficaz de fazer os textos literários atingirem o leitor moderno. “Não se trata de campos de ação excludentes, mas de faces diversas do trabalho com os textos antigos, que os mantém vivos, influentes, significativos, cada um à sua maneira, com suas concepções e métodos próprios” (VASCONCELOS, 2011, p.74). A partir disso, conclui muito sabiamente, que nenhuma delas pode ser julgada maior ou melhor, pois toda tradução é apenas uma leitura do original, portanto não existe tradução ideal.

É interessante para nosso estudo ressaltar um ponto abordado por Vasconcelos sobre o preconceito à teoria da tradução criativa como “transcrição” pela comunidade acadêmica, não para simplesmente defender essa teoria, mas para alertar de que toda teoria é sujeita a críticas, e não deve ser pautada em princípios filológicos universais. Juntamente a essa questão, há o preconceito quanto ao tradutor como autor, que até hoje, em geral, não é creditado devidamente pelo seu trabalho, isso é um reflexo da não aceitação da tradução como apropriação. No sentido de justificar que nosso trabalho não é o de julgar a qualidade da tradução entre boa ou ruim, nos apropriamos de um questionamento do autor de que todas as traduções têm seus pressupostos específicos, portanto todas elas devem ser apreciadas pelos seus próprios critérios.

O professor termina seu texto de forma otimista ao constatar que houve um salto qualitativo de traduções de textos literários e no estudo da recepção e crítica de textos

literários na área de estudos clássicos no Brasil e que a rejeição à interpretação literária tem sido cada vez menor.

Nós finalizaremos citando um trecho de Haroldo de Campos, que exprimiu, desde 1963, muito de nossos anseios e trata daquilo que esperamos contribuir literária e academicamente com nosso trabalho

É preciso que a barreira entre artistas e professores de língua seja substituída por uma cooperação fértil, mas para esse fim é necessário que o artista (poeta ou prosador) tenha da tradução uma ideia correta, como labor altamente especializado, que requer uma dedicação amorosa e pertinaz, e que, de sua parte, o professor de língua tenha aquilo que Eliot chamou de “olho criativo”, isto é, não esteja bitolado por preconceitos acadêmicos, mas sim encontre na colaboração para a recriação de uma obra de arte verbal aquele júbilo particular que vem de uma beleza não para a contemplação, mas de uma beleza para a ação ou em ação (CAMPOS, 2010, pp.46-47)

A ideia desta dissertação surgiu da intenção de estudar e divulgar a tradução do *Satyricon*, de Petrônio, levada a cabo pelo poeta Paulo Leminski, com uma atenção especial ao contexto da produção leminskiana e ao pensamento e prática tradutórias empreendidos pelo próprio tradutor. Apesar da eficiência estética da obra, ela tem merecido no âmbito dos Estudos Clássicos várias e severas críticas não explícitas ou mesmo escritas, mas a se considerarem os questionamentos que tivemos em nossas apresentações em congressos, o trabalho de Leminski está sempre sob suspeita. Assim, refletir sobre o lugar dessa tradução no contexto contemporâneo da recepção do *Satyricon* em português é também um objetivo secundário do presente trabalho.

No primeiro capítulo pretendemos explicar quem foi o autor latino Petrônio e contextualizar a sua obra *Satyricon*, apresentando, também, o poeta Paulo Leminski, tradutor de latim e a importância da língua e cultura latina em sua obra. Uma parte considerável de nossa análise residirá na contextualização de sua tradução do *Satyricon*, sua edição, a época em que está inserida e seu modo de traduzir. Neste capítulo também será apresentado o tradutor norte-americano J. P. Sullivan, que como tradutor do *Satyricon* em língua inglesa, teve pressupostos tradutórios teoricamente semelhantes aos de Leminski e que nos será importante para dialogarmos duas traduções da mesma obra em contextos históricos e editoriais semelhantes.

No segundo capítulo, estudaremos as questões teóricas sobre tradução, desenvolvendo conceitos poundianos do *make it new*. Passaremos pelas reapropriações feitas por Haroldo e Augusto de Campos do legado poundiano, com sua “transcrição”, que foram referenciais teóricos essenciais para que Leminski instaurasse seu próprio projeto tradutório. A partir daí,

apresentaremos as próprias concepções de tradução de Leminski, por meio de seus ensaios que abordam esse tema.

No terceiro capítulo, será desenvolvida a análise da tradução, por meio do recorte temático envolvendo os vocábulos e expressões de conotação sexual presentes na obra. Nossa análise será embasada na comparação das traduções de Sullivan e Leminski, que pretendem ser duas, possibilidades de aplicação da teoria do “*make it new*” poundiano, realizadas em dois contextos linguísticos e culturais semelhantes, cada um a seu tempo. Esse recorte é justificado pela ênfase no teor erótico dada por Sullivan e Leminski, de acordo com seus objetivos editoriais e de projetos tradutórios.

No quarto capítulo, faremos a análise das escolhas tradutórias de Leminski, levando em consideração as teorias abordadas no segundo capítulo e tomando por base o cotejo do original e da “tradução de serviço” por nós elaborada. A análise focará a utilização e a formulação de uma linguagem coloquial, que perpassa toda a tradução, pensando na coloquialidade do registro de língua latina da obra e como isto foi incorporado ou enfatizado na tradução leminskiana. Em contraste com a utilização da coloquialidade, analisaremos também os trechos em que o tradutor opta por um registro mais erudito, utilizando-se principalmente do decalque latino em língua portuguesa, característica que também está presente na dicção do texto petroniano.

No quinto capítulo faremos a análise dos quatro poemas que fazem parte do *corpus*, destacaremos, assim como nos dois capítulos anteriores, nas escolhas tradutórias do poema, pensando nas atualizações, aproximações e liberdades tomadas diante do texto de partida. A análise também será embasada no cotejo entre o original e o texto em língua portuguesa, com o auxílio da “tradução de serviço”.

A fim de realizar a comparação e análise do texto latino em relação ao texto português leminskiano apresentaremos, em anexo, a nossa “tradução de serviço” (LIMA, 2013) do *corpus*, dos capítulos I a XXVI, do *Satyricon*. Como o texto de partida se trata de um texto latino e considerando a enorme distância entre o tradutor moderno e o idioma antigo, faz-se necessário para uma leitura atenta e uma descrição do sistema gramatical a produção de uma “tradução de serviço”, que nesse caso revela a leitura que o estudioso de latim fez do texto antigo em questão. Com a apresentação da “tradução de serviço” não é pretendido fechar o texto latino em um único sentido em língua portuguesa, contudo pretendemos apresentar nossa leitura do texto latino, a qual embasou o trabalho de análise.



Foi escolhido como *córpus* a primeira parte da obra, que se apresenta antes do episódio mais conhecido, o “Banquete de Trimalquião”, capítulos estes que correspondem ao início da narrativa, em que os personagens são apresentados. O motivo dessa escolha deve-se à limitação do tempo para desenvolvimento do trabalho (24 meses/ mestrado), de modo que delimitamos a primeira parte da obra, que oferece uma apresentação geral e uma considerável amostragem da tradução. Acreditamos, assim, que, a partir dessa primeira abordagem, poderemos chegar a algumas conclusões sobre as escolhas tradutórias de Leminski, o que nos servirá de arcabouço para futuros estudos da obra traduzida na íntegra. O texto latino tomado por base será aquele da edição francesa da editora Garnier (PÉTRONE, 1948), que, conforme pudemos apurar, foi a versão utilizada por Leminski como texto fonte.

## Considerações Finais

Este trabalho propôs, a partir da recepção dos clássicos greco-romanos em nossas Letras, estudar e divulgar a tradução do *Satyricon*, de Petrônio, produzida pelo poeta curitibano Paulo Leminski. Estabeleceu-se, por limitação de tempo, a primeira parte da obra petroniana, que abrange os capítulos de um ao vinte e seis, como o *corpus* a ser estudado. O trabalho demonstrou, por meio do detalhado estudo dos aspectos tradutórios instaurados na elaboração do *Satyricon* em português, as características do “projeto tradutório” leminskiano, e de que forma essas mesmas características transmitiram os ideais poundianos de tradução, e por consequência, aqueles de seus divulgadores no Brasil, os irmãos Campos.

Um primeiro método poundiano de tradução instaurado por Leminski trata-se da “tradução como crítica”, que se manifesta na escolha tradutória da obra de Petrônio. Além de ser um traço recorrente já em sua produção literária e ter feito parte de seus primeiros estudos no Mosteiro de São Bento, o poeta manifestou em diversos momentos seu interesse pelos estudos greco-romanos e a importância desses conhecimentos para a sociedade ocidental contemporânea, o que está exposto no posfácio de sua tradução:

Mal conseguimos imaginar a milionária riqueza verbal da cultura greco-latina, baseada na retórica, na tradição escolar da oratória, meticulosa acumulação de saberes verbais, que começa no século V antes de Cristo e só termina com a queda do Império Romano, no século V depois de Cristo. Mil anos de repertório! Até as vanguardas do início do século XX, pouca coisa inventamos de novo em relação à civilização greco-latina: recursos de estilo, figuras de linguagem, a distinção entre poesia e prosa, gêneros literários, formas de dizer, moldes de sentir e do pensar, esquemas mentais, tudo devemos a esses gigantes em cujos ombros estamos trepados (LEMINSKI, 1985, p.188).

Leminski deixa claro, portanto, que para ele os clássicos não são apenas um modelo, mas funcionam como um impulsionamento, por meio da tradução criativa, dando vida nova ao passado, como disse Haroldo de Campos vendo os clássicos com a ótica do tempo presente e, como foi lembrado por Leminski, na fala de Bashô, não seguindo apenas as pegadas dos antigos, mas procurando o que eles procuraram. Pudemos verificar, portanto, que Leminski realmente buscou as mesmas coisas que Petrônio aspirava.

Como demonstramos no capítulo quatro desse trabalho, o sabor popular, o latim falado nas ruas, nos mercados, nas casas não foi registrado em muitas das obras literárias na antiguidade. Leminski (1985, p.189) aponta esses “traços do latim vivo, vulgo latim vulgar” fragmentariamente presente nas comédias de Plauto, no lírico Catulo, nas cartas de Cícero e no epigramático Marcial. Porém, o tradutor dá um destaque para a obra de Petrônio, assim como fizeram os estudiosos Petersman (1999) e Bianchet (2004), e trata o *Satyricon* como

aquela obra em que há um desfile “do latim vivo, direto, o raro do reles, enfim, diante de nós” (LEMINSKI, 1985, p.189). A partir disso, concluímos com as análises pormenorizadas dos trechos latinos e suas correspondências em língua portuguesa, que Leminski transfere essa essência da linguagem petroniana para a língua portuguesa, por meio da liberdade da recriação, instaurada pelo “*make it new*” poundiano, aproximando-se da linguagem do texto de partida, mas tornando-a compreensível ao leitor contemporâneo. Leminski traduz a materialidade e a beleza estética do texto latino, por meio da recriação e da “transcrição” ele rompe a barreira da intraduzibilidade, ao utilizar-se do texto latino como função poética, não ficando preso apenas em palavras isoladas, mas imaginando a cena, a imagem, o ritmo e o tom da obra de partida.

Quanto ao teor erótico presente na obra petroniana, Leminski indica no prefácio como uma linguagem crua, presente no texto latino e que, segundo ele, sempre foi amenizada na tradução para línguas modernas.

Essa crueza da linguagem de Petrônio sempre foi maquilada nas traduções para as línguas modernas, onde giros eufemísticos, ditados pelo moralismo, substituem o verdadeiro nome das coisas, coisa de que Petrônio não tinha nenhum medo. As traduções francesas, guiadas pelo decoro gaulês, são particularmente “traidoras”, edulcoradas, atenuantes (LEMINSKI, 1985, p.5).

Como pudemos apurar no capítulo três, essa linguagem crua também foi amenizada na tradução feita por Sullivan, mesmo sendo considerada uma tradução livre de moralismos. Já Leminski, assim como tratou a linguagem baixa e vulgar, fez o mesmo com a linguagem erótica. Ele procurou aquilo que Petrônio procurava, extrapolando os dizeres eróticos, tratando-os de forma extremamente explícita. Esse modelo de tradução, além de passar pelos ditames culturais e editoriais da época, como demonstramos no item 1.2, também é reflexo da recriação e “transcrição”, de apropriação do texto de partida em um texto de chegada renovado e reinventado.

Finalmente, quanto aos poemas, analisados no capítulo cinco, pudemos perceber a reapropriação transgressora, como o próprio tradutor indicou ao tomar liberdades na “transcrição dos frequentes poemas” (LEMINSKI, 1985, p.6), essa liberdade passa pela característica poundiana de expressar os próprios sentimentos, enquanto poeta e tradutor, ao texto de partida, não delimitando uma fronteira clara entre sua tradução e sua obra original. Foi o que Leminski fez, instaurando sua própria personalidade como poeta nos poemas de Petrônio.

Enfim, pudemos concluir com este trabalho, que Leminski colocou em prática seu

“projeto tradutório” e alcançou seu objetivo ingrato, de “devolver um vivo aos vivos”. Assim como ele mesmo afirmou (LEMINSKI, 1985, p.191), ler uma obra da antiguidade greco-romana é tão estranho quanto ler um romance de ficção científica. O que nos faz aproximar de Petrônio é a presença forte da condição humana, feita de grandezas e baixeiras, de esplendores e misérias, o que todos os romances vêm instaurando em nós, desde que o *Satyricon* deu o primeiro exemplo. Tudo isso foi o que a tradução de Leminski instaurou no leitor contemporâneo, em língua portuguesa, fez com que este leitor viajasse “no tempo com os três malandros Encolpo, Ascilto e Giton, com o poeta Eumolpo, com a pérfida Trifena, a linda Circe, com todas as misérias, infâmias e sublimidades de que a vida foi, é e será capaz. Sobretudo, com a linguagem que eles usavam” (LEMINSKI, 1985, p.6).

## Referências Bibliográficas

- ABATE, F. **The Oxford Dictionary and Thesaurus**. New York: Oxford University Press, 1996.
- ANDRADE, O. de. **Os dentes do dragão: entrevistas**. São Paulo: Globo, 1990.
- AQUATI, C. **Cena Trimalchionis: estudo e tradução**. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1991, 2 V.
- AUERBACH, E. **Mimesis**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- AULETE, C. **Aulete digital** – Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Dicionário Caudas Aulete, Lexikon, 2007. Acessado em 10 de outubro de 2015. Disponível em <<http://www.auletedigital.com.br>>
- BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.
- BARBOSA, J. A. Envoi, A tradução como resgate. In: \_\_\_\_\_. **As ilusões da modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 155-8.
- BARCHIESI, A. Traces of Greek Narrativa and the Roman Novel: A Survey. In: HARRISON, S. J. **Oxford Readings in The Roman Novel**. New York: Oxford University Press, 1999.
- BECKETT, S. **Malone meurt Malone dies**. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BELCHIOR, Y. K. Uma análise dos estudos críticos sobre Tácito em Portugal no século XIX. **Politeia: História e Sociedade. Vitória da Conquista**. v. 10, n. 1, 2010. pp. 187-202.
- BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. [Por Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini]. Rio de Janeiro: **7Letras/PGET, 2007**.
- BIANCHET, S. M. G. B. O estatuto do narrador e da matéria narrada no *Satyricon* de Petrônio. **Nuntius antiquus**. Belo Horizonte, nº5, 2010. pp. 83-91. ISSN 19833636.
- BIANCHET, S. M. G. B. *Satyricon*, de Petrônio: fonte para o estudo do latim vulgar. In: BRASILIENSE: uma coleção chamada desejo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 dez. 1985, Ilustrada, p.99.
- CAMPOS, A. Ezra Pund: “Nec Spe Nec Metu” (introdução). In: POUND, E. **Poesia**. Trad. de Augusto de Campos [et all]; textos críticos de Haroldo de Campos. São Paulo: Hucitec, 1993. pp. 13-40.

- \_\_\_\_\_. **Verso, reverso, controverso**. São Paulo: Perspectiva, 1978. CAMPOS, H. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- \_\_\_\_\_. **Crisantempo: no espaço curvo nasce um**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- \_\_\_\_\_. “Da tradução como criação e como crítica”. In: \_\_\_\_\_. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2010, p.31-48.
- \_\_\_\_\_. “Uma Leminskiada Barrocodélica”. In: \_\_\_\_\_. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 2010, p.213-220.
- \_\_\_\_\_. “Tradição, Transcrição, Transculturização: o ponto de vista do ex-cêntrico”. In: **Haroldo de Campos – Transcrição**. Org. Marcelo Tápia e Thelma Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CATULLI, C. V. **Carmina**. New York: Oxford University, 1958.
- CARDOZO, M. M. O significado da diferença: a dimensão crítica da noção de projeto de tradução literária. In: **Tradução e Comunicação** Revista Brasileira de Tradutores, nº 18. São Paulo: UNIBERO, 2009.
- CÉSAR, A. C. Bastidores da tradução. In: \_\_\_\_\_. **Escritos da Inglaterra**. São Paulo: Brasiliense, 1988. pp.139-151.
- DAMAZIO, R. Aquela língua sem fim: Leminski tradutor. **A linha que nunca termina: pensando Paulo Leminski**. Org. André Dick e Fabiano Calixto. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004. pp.313-322.
- DAVIDSON, P. **Ezra Pound and Roman Poetry: A Preliminary Survey**. Amsterdam: Rodopi, 1995.
- ELIOT, T. S. **The Sacred Wood: Essays on Poetry and Criticism**, 1921.
- FANTE, J. **Ask the dust**. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FERLINGHETTI, L. **Endless life**. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FIORILLO, M. P. Os livros que você não pode ler. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 set 1984. Ilustrada. p.63.
- FLORES, G. G. O raro do reles: um latim de bandido. In: SANDMAN, M. MÜLLER, A. [ET. AL.]. **A pau e pedra a fogo e pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010. p.103-139.
- GLARE, P. G. W. **Oxford Latin Dictionary**. London: Oxford University Press, 1968.
- GRIMAL, P. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1966.
- GRIMAL, P. **Le Satiricon**. Paris: Générale Française, 1960.

- HARVEY, P. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.
- HORACIO. **Arte Poética**. Trad. R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito, 1984.
- JARRY, A. **Le surmâle**. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- JOYCE, J. **Giacomo Joyce**. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LARBAUD, V. **Sob a invocação de São Jerônimo**: ensaios sobre a arte e técnicas de tradução. Trad. Joana Angélica d'Ávila Melo. São Paulo: Mandarim, 2001.
- LEMINSKI, P. **Agora é que são elas**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Catatau**. Porto Alegre: Sulina, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Distraídos venceremos**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio e Anseios Críticos**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- \_\_\_\_\_. Cenas de vanguarda explícita. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 dez. 1985. Ilustrada. p. 44.
- \_\_\_\_\_. O crepúsculo dos críticos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 abr. 1985A. Ilustrada. p. 36.
- \_\_\_\_\_. **Metaformose**: uma viagem pelo imaginário grego. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- \_\_\_\_\_. Horácio, Ode X[I]. In: SIMON, Iuma Maria (org.) **Revista Remate de Males**, n. temático: Território da Tradução. Campinas, IEL, 1984. p. 97.
- \_\_\_\_\_. **Songbook**. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Vida**: Cruz e Souza, Bashô, Jesus e Trótski. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a.
- \_\_\_\_\_.; BONVICINO, R. **Envie meu dicionário**: cartas e alguma crítica. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LEMONS, A. A Editora Brasiliense e a Oposição à Ditadura Civil-Militar Brasileira. **Revista Crítica Histórica**. dez/2014 Ano V, nº 10. ISSN 2177-9961. pp. 178-193.
- LENNON, J. **In his own write and A sparniard in the Works**. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LIDELL, H. G. SCOTT, R. **A Greek-English lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- LIMA, A. D. Possíveis correspondências expressivas entre latim e português: reflexões na Área de Tradução. **Itinerários**, Araraquara, n. especial, 13-22, 2003.
- LONGO, G. **Ensino de latim: reflexão e método**. Araraquara: Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2011.

- MARQUES, J. B. Estruturas narrativas nos Anais de Tácito. **História da historiografia**. Ouro Preto. n. 5. 2010. pp.44-57.
- MARMORALE, E. V. **La questione petroniana**. Bari: Laterza, 1948.
- MELO, T. M. de. Tradução da Tradição: anotações sobre os motores da poesia de Paulo Leminski. **Kamiquase**, 1998. Disponível em: <<http://www.elsonfroes.com.br/kamiquase/ensaio2.htm>> Acesso em: 5 jul. 2012.
- MILTON, J. **Tradução: Teoria e Prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MISHIMA. Y. **Tayo to tetsu**. Trad. Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MOREIRA, C. R. B. **Catatau de Paulo Leminski: occam versus cartésio contra a ditadura da razão**. Santa Catarina: Palhoça, 2006.
- MOREIRA, P. R. M. Espólio de Paulo Leminski: Literatura contemporânea? Patrimônio cultural? In: **Anais do IV ENECULT**, Faculdade de Comunicação/UFBa, 2008.
- MORENO, S. **Ecos e Reflexos: A construção do Cânone de Augusto e Haroldo de Campos a partir de suas concepções de tradução**. Campinas: Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- MOURA, A. R. de. **Dialogismo e Reflexão estética em Petrônio: A Guerra Civil**. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000.
- NIALL, W. S. **Reading Petronius**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1990.
- NITRINI, S. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo: Edusp, 1997.
- O QUE GRAVAR na TV. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 28 ago. 1986. Ilustrada. p.51
- PERRONE-MOISÉS, L. Leminski, o samurai malandro. In: LEMINSKI, P. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- PETERLINI, A. A. Viagem ao “baixo” – Roma. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 dez. 1985. Ilustrada. p. 98.
- PETERSMANN, H. Environment, Linguistic Situation, and Levels of Style in Petronius’s *Satyricon*. In: HARRISON, S. J. **Oxford Readings in The Roman Novel**. New York: Oxford University Press, 1999.
- PÉTRONE. **Le Satiricon**. Ed. A. Ernout. 3ed. Paris: Les Belles Lettres, 1950.
- \_\_\_\_\_. **Le satiricon**. Trad. de Maurice Rat. Paris: Garnier, 1948.
- \_\_\_\_\_. **Traduction entière de Petrone**: suivant le nouveau manuscrit trouvé à Bellegrade em 1688. Trad. de Francisco Nodot. 1692.



- PETRÔNIO. **El satiricón**. Trad. de Lisardo Rubio Fernández. Madrid: Gredos, 1978
- \_\_\_\_\_. **Satyricon**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Satíricon**. Tradução e posfácio: Cláudio Aquati. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Satyricon**. Trad. Miguel Ruas. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.
- \_\_\_\_\_. **Satyricon**. Trad. de Paulo Leminski. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Satyricon**. Trad. de Sandra M. G. Braga Bianchet. Belo Horizonte: Crisálida, 2004.
- PETRONIUS. **The Satyricon and the fragments**. Translated by John P. Sullivan, introduction and notes by Helen Morales. Baltimore: Penguin Books, 2011.
- PRIMEIRO TOQUE. São Paulo, n.9 abr/jun 1984. p.2
- POUND, E. **A Arte da Poesia: ensaios escolhidos**. Trad. de Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Abc da Literatura**. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.
- \_\_\_\_\_. **Personae**. Londres: Faber&Faber, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Poesia**. Trad. Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino e Mário Faustino. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. UnB, 1993.
- QUERIQUELLI, L. H. **Satyricon e Tradução Poética: Traduções Brasileiras Perante Sutilezas Cruciais da Poesia de Petrônio**. (Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.
- RICHLIN, A. E. **Sexual Terms and Themes in Roman Satire and Related Genres**. A Dissertation presented to the Faculty of the Graduate School of Yale University in Candidacy for the Degree of Doctor of Philosophy, 1978.
- ROLLEMBERG, M. C. Um circo de letras: a Editora Brasiliense no contexto sócio-cultural dos anos 80. In: **VIII Nupecom** (Encontro dos Núcleo de Pesquisa em Comunicação). Natal: 2008.
- RUNDELL, M. (Ed.). **Macmillan English Dictionary**. London: Macmillan Publishers, 2007.
- RUTHVEN, K. K. **A guide to Ezra Pound's Personae** (1926). Los Angeles: University of California Press, 1969.
- SIMPSON, J. A., WEINER, E. S. C (Ed.). **The Oxford English Dictionary**. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- SANDMAN, M. MÜLLER, A. [ET. AL.]. **A pau e pedra a fogo e pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010.

- SANTANA, I. J. **Paulo Leminski: Intersemiose e Carnavalização na tradução**. São Paulo: (Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2002.
- SANTANA, I. J.; GALINDO, C. W. James Paulo Joyce Leminski. In: SANDMAN, M. MÜLLER, A. [ET. AL.]. **A pau e pedra a fogo e pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2010. p. 77-101.
- SARAIVA, F. R. S. **Novíssimo dicionário latino-português**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.
- SCHMELING, G. *The Satyricon* of Petronios. In: \_\_\_\_\_. **The Novel in the Ancient World**. Leiden: E. J. Brill, 1996.
- SCHNAIDERMAN, B. Entrevista com Boris Schnaiderman. Campo Grande: 2000. **Babel: Revista de poesia, tradução e crítica**. v. 1, n.1, pp. 51-64. Abr. 2000. Entrevista concedida a Ademir Dermachi e Denise Helena Cora.
- \_\_\_\_\_. Tradução: “fidelidade filológica” e “fidelidade estilística”. In: **Boletim bibliográfico Biblioteca M. De Andrade**, v.47, n(1/4), 1986, p. 63-68.
- \_\_\_\_\_. Entrevista com Boris Schnaiderman. Campo Grande: 2000. **Babel: Revista de poesia, tradução e crítica**. v. 1, n.1, pp. 51-64. Abr. 2000. Entrevista concedida a Ademir Dermachi e Denise Helena Cora.
- SILVEIRA, J. G. da. **Dicionário de expressões populares da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- SULLIVAN, J. P. **Ezra Pound and Sextus Propertius: A study in Creative Translation**. University of Texas: Austin, 1964.
- \_\_\_\_\_. **The Satyricon of Petronius, a literary Study**. Bloomington and London: Indiana University Press, 1968.
- TÁCITO. **Annales**. Trad. Henri Goelzer. Paris: Les Belles Lettres, 1938.
- TÁPIA, M.; NÓBREGA, T. M. (Orgs.) **Haroldo de Campos - Transcrição**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- VASCONCELLOS, P. S. A tradução poética e os estudos clássicos no Brasil de hoje: algumas considerações. **Scientia Traductionis**. v.10, 2011. pp.69-79.
- VAZ, T. **Paulo Leminski: O Bandido Que Sabia Latim**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VIEIRA, B. V. G. A epopeia histórica em Roma de Névio a Lucano. In: SILVA, G. V. da S.; LEITE, L. R. (org.). **As múltiplas faces do discurso em Roma: textos, inscrições, imagens**. Vitória: EDUFES, 2013.